

SITUAÇÃO DA AGRICULTURA

- Janeiro de 1977 -

- Indicadores de Desempenho do Setor Agrícola em 1976 no Estado de São Paulo

A disponibilidade de indicadores econômicos para o setor agrícola compreende os índices de preço, quantidade produzida, valor da produção, área plantada e rendimento. Tais índices são elaborados a partir de informação sobre 21 dos principais produtos da agricultura do Estado de São Paulo e espera-se que reflitam com razoável precisão a evolução do setor. Deve-se notar que a estimativa da renda bruta baseia-se no desempenho de 26 produtos, razão pela qual estes índices não são comparáveis aos resultados decorrentes daquela estimativa. Note-se ainda que este cálculo se faz com base em 21 produtos com o objetivo de assegurar-se a continuidade da série iniciada há 29 anos, em 1948.

Deve-se salientar ainda que esses índices são calculados com base no período 1962-66 e, quando tomados em valores reais, referem-se a cruzeiros de 1971. A análise a seguir cobrta a evolução desses índices entre os anos agrícolas 1974/75 e 1975/76.

- Índices de preço e de quantidade

Esperam-se para este ano variações da ordem de 14,31% no índice de preços, e de 2,83% no índice de produção física. Excluindo-se o café, tais variações seriam de -0,87% para o índice de preços e de 12,05% para o de produção física (quadros 2 e 3).

Verifica-se assim, a notável participação do café na composição deste indicador, face às apreciáveis variações observadas, fruto de uma elevação de cerca de 80% no preço real e um decréscimo de pouco mais de 73% na produção, entre esses dois anos (quadro 1).

- Produtos de origem vegetal

Esse grupo apresenta acréscimos tanto em preços reais (27,85%) quanto em quantidades produzidas (3,57%). Subtraindo-se o café, tais acréscimos passariam a 7,66% para preços e 18,45% para quantidades. Através dos dados do qua-

QUADRO 1. - Variação Percentual na Área Plantada, Produção, Rendimento, Preço e Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista entre os Anos Agrícolas 1974/75 e 1975/76⁽¹⁾

Produto	Participação percentual no valor		Variação percentual entre 1975/76 e 1974/75						
	1974/75	1975/76	Área	Produção	Rendimento	Preço		Valor	
						Corrente	Real ⁽²⁾	Corrente	Real ⁽²⁾
Cana-de-açúcar	12,22	16,67	12,90	31,50	20,16	42,90	1,15	87,91	33,01
Carne bovina	15,49	12,31	-	-2,27	-	12,00	-20,72	9,46	-22,52
Leite	8,57	8,26	-	2,05	-	30,07	-9,23	32,73	-6,05
Cafê	16,44	8,11	-6,80	-73,29	-71,93	154,24	79,96	-32,08	-51,92
Milho	6,69	7,61	14,82	29,71	12,95	20,83	-14,48	56,74	10,95
Ovos	5,82	6,17	-	0,68	-	45,02	2,00	46,00	3,35
Algodão	4,68	5,12	-39,33	-32,11	11,95	122,22	57,28	50,87	6,79
Aves para corte	4,72	4,70	-	4,17	-	31,58	-6,73	37,06	-2,98
Soja	3,73	4,05	0,71	12,83	12,06	32,53	-6,21	49,54	5,85
Arroz	4,40	4,04	18,44	64,71	39,01	-23,08	-45,54	26,70	-10,32
Laranja	2,78	3,46	8,17	14,22	5,59	50,00	6,08	71,33	21,28
Tomate	2,14	3,26	-16,61	-2,50	5,40	114,58	51,89	109,23	48,10
Feijão	1,30	2,98	3,67	27,93	17,76	146,11	74,21	214,85	122,87
Batata	2,10	2,45	33,63	-6,10	0,16	71,35	21,27	60,90	13,89
Amendoim	1,84	1,95	31,80	26,13	-1,96	15,91	-17,96	46,20	3,49
Carne suína	1,80	1,67	-	9,41	-	16,79	-17,34	27,78	-9,55
Mandioca	0,78	1,23	-20,41	-15,28	10,57	158,30	82,84	118,84	54,91
Uva de mesa	0,93	1,22	0,00	10,73	10,73	63,64	15,82	81,19	28,26
Trigo	0,42	0,99	50,24	155,96	70,31	27,54	-9,72	226,47	131,09
Banana	0,95	0,98	10,11	10,59	0,42	28,89	-8,76	42,54	0,90
Cebola	0,82	0,90	17,94	34,85	14,32	12,42	-20,42	51,60	7,31
Tangerina	0,50	0,58	-14,15	13,49	21,15	40,00	-0,88	58,88	12,47
Limão	0,37	0,53	-7,25	-1,11	6,64	100,00	41,59	97,77	39,99
Casulo	0,30	0,41	-	10,00	-	73,33	22,71	90,67	34,96
Mamona	0,14	0,19	-33,94	-27,03	10,44	152,63	79,07	84,35	30,50
Chá verde	0,08	0,14	-2,44	-0,36	2,13	157,14	82,02	56,22	81,35

⁽¹⁾ Estimativas preliminares para os produtos de origem animal.

⁽²⁾ Deflator estimado em função da variação do Índice "2" da Conjuntura Econômica. Valores reais correspondentes de Cr\$ de 1971.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 2. - Índices de Quantidade Produzida por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo, Safras 1973/74 a 1975/76

Grupo	Número de produtos	Quantidade (¹)			Evolução percentual	
		1973/74	1974/75	1975/76(²)	1974/75	1975/76
					1973/74	1974/75
Produtos tradicionais	6	100,25	91,52(³)	101,75	-8,71	11,18
Produtos em transição	7	112,73	88,98	86,82	-21,07	-2,43
Produtos modernos	8	150,32	157,12	158,09	4,52	0,62
Produtos de origem animal	5	123,51	121,83(³)	123,57	-1,36	1,43
Produtos de origem vegetal	16	120,20	110,08	114,01	-8,42	3,57
Produtos de origem vegetal sem café	15	115,89	112,28	133,00	-3,12	18,45
Geral sem café	20	118,60	115,71(³)	129,65	-2,44	12,05
Geral	21	121,23	113,78(³)	117,00	-6,15	2,83

(¹) Índices construídos pelo método de Laspeyres, ponderação fixa no período base 1962-66=100.

(²) Estimativas preliminares para os produtos de origem animal.

(³) Dados retificados.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3. - Índices de Preço Real por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo, Safras 1973/74 a 1975/76

Grupo	Número de produtos	Preço ⁽¹⁾			Evolução percentual	
		1973/74	1974/75	1975/76	1974/75	1975/76
					1973/74	1973/76
Produtos tradicionais	6	141,69	145,34	119,09	2,58	-18,06
Produtos em transição	7	124,79	164,06	210,79	31,47	28,48
Produtos modernos	8	98,09	98,34	139,10	0,25	41,45
Produtos de origem animal	5	142,24	139,82	116,70	-1,70	-16,54
Produtos de origem vegetal	16	116,01	131,99	168,75	13,77	27,85
Produtos de origem vegetal sem café	15	104,57	116,35	125,26	11,26	7,66
Geral sem café	20	121,03	123,55	122,47	2,08	-0,87
Geral	21	124,20	133,42	152,51	7,42	14,31

⁽¹⁾ Índices construídos pelo método de Laspeyres, ponderação fixa no período 1962-66=100. Todos os preços foram transformados em Cr\$ de 1971 pelo índice "2" da Conjuntura Econômica. Base de comparação igual à de ponderação.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

dro l observa-se que dentre os produtos componentes desse grupo, tiveram seus preços reais acrescidos: mandioca, chá verde, café, mamona, feijão, algodão, tomate, batata, laranja e cana-de-açúcar. Quanto à produção, registraram ganhos para arroz, cebola, cana-de-açúcar, milho, feijão, amendoim, laranja, soja e banana. Rendidas reais acrescidas foram apresentadas por: feijão, chá verde, mandioca, tomate, cana-de-açúcar, mamona, laranja, batata, milho, cebola, algodão, soja, amendoim e banana.

Quanto a área plantada, esse grupo experimenta uma elevação de 4,70% em relação à 1974/75 (quadro 4). Contribuíram para esse aumento a cana-de-açúcar, o milho, o arroz, a batata, o amendoim, o trigo, a banana, a cebola, a soja, a laranja, o feijão, sendo que os oito primeiros em taxas superiores a 10%, das quais a maior coube ao trigo, com uma expansão de mais de 50% na área cultivada.

O rendimento agrícola também apresentou-se acrescido neste ano de 1975/76, sendo 3,59% superior ao observado em 1974/75, mercê não sô das boas condições climáticas mas também do largo uso de insumos modernos (quadro 5). Entre os produtos cujas culturas apresentaram acréscimos de produtividade estão a cana-de-açúcar, o milho, o algodão, a soja, o arroz, a laranja, o tomate, o feijão, a mandioca, a cebola, a mamona e o chá.

- Produtos de origem animal

Em preços reais, esse grupo experimentou um decréscimo de -16,54%. Dentre os produtos componentes, somente casulo e ovos apresentaram variação positiva em seus preços reais.

Como decorrência, a quantidade produzida, apresentou um aumento de apenas 1,43%, sendo que somente leite e carne suína experimentaram ganhos de produção na safra 1975/76, face aos bons preços que vigiram no período anterior.

- Produtos tradicionais, em transição e modernos

Esses grupos, constituídos segundo o estágio de desenvolvimento tecnológico utilizados na sua exploração, são compostos pelos 21 produtos constantes das séries históricas do IEA. Arroz, feijão, mamona, leite, bovinos e suínos pertencem ao grupo dos produtos tradicionais; amendoim, banana, café, cebola, chá, mandioca e milho compõem o dos em transição, enquanto algodão, batata, cana-de-açúcar, laranja, soja, tomate, casulo e ovos representam os modernos.

QUADRO 4. - Índices de Área Plantada por Grupo de Produtos, Estado de São Paulo e Evolução entre as Safras 1973/74 a 1975/76

Grupo	Número de produtos	Área plantada (¹)			Evolução percentual	
		1973/74	1974/75	1975/76	1974/75	1975/76
					1973/74	1974/75
Produtos tradicionais	3	70,60	63,10	70,60	-10,62	11,89
Produtos em transição	7	83,72	75,62	80,72	-9,68	6,74
Produtos modernos	6	152,02	155,14	154,87	2,05	-0,17
Produtos de origem vegetal sem café	15	99,14	92,90	99,27	-5,29	6,36
Produtos de origem vegetal	16	97,41	92,19	96,52	-5,36	4,70

(¹) Índice simples, com base 1962-66=100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 5. - Índices de Rendimento por Grupo de Produtos, Estado de São Paulo e Evolução entre as Safras 1973/74 a 1975/76

Grupo	Número de produtos	Rendimento (¹)			Evolução percentual	
		1973/74	1974/75	1975/76	1974/75	1975/76
					1973/74	1974/75
Produtos tradicionais	3	120,83	104,64	139,91	-13,40	33,71
Produtos em transição	7	130,87	113,40	98,25	-13,35	-13,36
Produtos modernos	6	99,65	101,90	113,49	2,26	11,37
Produtos de origem vegetal sem café	15	111,26	107,07	124,22	-3,77	16,02
Produtos de origem vegetal (geral)	16	117,32	107,29	111,14	-8,55	3,59

(¹) Índice calculado pelo método de Paasche. Índice simples de cada produto, base 1962-66=100, ponderado pela área plantada de cada produto em cada ano.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Relativamente à quantidade produzida, os produtos tradicionais apresentaram uma variação positiva de 11,18%, enquanto que os de transição decresceram -2,43% e os modernos permaneceram mais ou menos estáveis em relação ao ano anterior. Dentre os tradicionais apresentaram incrementos na produção: arroz, feijão, suínos e leite. No grupo em transição, os acréscimos observados para cebola, amendoim e banana foram bem menos significativos que os decréscimos ocorridos com o café e a mandioca, o que concorreu para a queda no índice da quantidade desse grupo. No grupo dos modernos, cana-de-açúcar, soja, laranja e casulo apresentaram acréscimos de produção, enquanto algodão, tomate e batata, tiveram suas quantidades decrescidas em relação ao ano anterior.

No que se refere aos preços, os produtos em transição e os modernos experimentaram variações positivas, de 28,48% e 41,45% respectivamente, enquanto os tradicionais sofreram uma queda de -18,06%. Dentre os produtos que mais se destacaram com acréscimos de preços reais tem-se o café, algodão, tomate, feijão, mandioca, mamona e chá verde; com decréscimos em seus preços reais aparecem o arroz, carne bovina, cebola, amendoim, carne suína e milho.

Os produtos tradicionais mostraram evoluções positivas no rendimento (33,71%), na produção (11,18%) e na área cultivada (11,89%). Os produtos em transição, sofreram uma redução em seus índices de rendimento médio (-13,36%) enquanto a área cultivada cresceu de 6,74%. Os produtos modernos experimentaram um acréscimo de 11,37% em termos de rendimento médio, enquanto que a área permanece mais ou menos estável em relação à 1974/75.

Fazendo-se referência ao valor da produção desses 3 grupos de produtos, encontram-se as seguintes variações em relação ao ano passado (quadro 6): - 11,16% para os tradicionais, -16,07% para os em transição e +11,95% para os modernos.

- Preços

Em janeiro o índice geral de preços médios recebidos pelos agricultores paulistas evoluiu 7,34%, resultante dos acréscimos de 9,25% no índice de produtos vegetais e de 2,09% no de produtos animais (figura 1). Excetuando-se o café, os avanços foram praticamente os mesmos para os índices geral e de produtos vegetais (2,15% e 2,20% respectivamente) neste primeiro mês de 1977.

QUADRO 6. -- Índice de Valor Real por Grupo de Produtos, Participação Percentual do Valor de Cada Grupo no Total dos 21 Produtos e Evolução dos Índices, Estado de São Paulo, Safras de 1973/74 e 1975/76

Grupo	Número de produtos	1973/74		1974/75		1975/76 ⁽²⁾		Evolução percentual	
		Índice ⁽¹⁾	%	Índice ⁽¹⁾	%	Índice ⁽¹⁾	%	1974/75	1975/76
								1973/74	1974/75
Produtos tradicionais	6	144,32	35,97	135,29 ⁽³⁾	34,50	120,19	32,02	-6,26	-11,16
Produtos em transição	7	143,55	28,37	145,64	29,13	122,23	25,82	1,45	-16,07
Produtos modernos	8	150,05	35,65	148,25	35,65	165,96	42,15	-1,20	11,95
Produtos de origem animal	5	166,29	35,51	159,29 ⁽³⁾	34,80	137,31	31,34	-4,21	-17,80
Produtos de origem vegetal	16	136,92	64,49	135,29	64,49	136,38	68,66	-1,19	0,81
Produtos de origem vegetal sem café	15	122,01	47,20	120,37	47,13	144,72	59,84	-1,34	20,23
Geral sem café	20	137,76	82,71	133,06 ⁽³⁾	82,45	142,08	91,19	-3,41	4,42
Geral	21	146,05	100,00	141,76 ⁽³⁾	100,00	136,67	100,00	-2,94	-3,59

(¹) Índice simples, base 1962-66=100. Valores transformados em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(²) Estimativas preliminares para os produtos de origem animal.

(³) Dados retificados.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Deve-se notar que a substancial elevação no preço médio do café beneficiado (14,12%) influenciou fortemente o índice geral, já que a sua participação proporcional é bastante ponderável. Outros produtos que apresentaram acréscimos de preços ao nível do produtor foram laranja (21,35%), amendoim em casca (13,48%), mandioca (12,82%), mamona (11,47%), chá (11,28%), suínos (6,09%), ovos (3,61%), arroz em casca (3,34%), bovinos (3,08%), soja (2,93%), aves (2,66%) e milho (0,76%). De outro lado, reduções foram observadas para tomate (-13,11%), feijão (-12,89%), banana (-11,63%), cebola (-3,69%), batata (-2,99%) e leite (-1,51%).

Comparativamente aos índices de um ano atrás, ou seja, cotejando os dados de janeiro de 1977 e janeiro de 1976, observa-se que o índice geral de preços recebidos evoluiu de 70,80%, sendo que o de produtos vegetais cresceu de 93,18% e o de produtos animais 27,43%. Isolando-se o café, registraram-se aumentos de 33,79% e 30,77%, respectivamente para o índice de produtos vegetais e o índice geral.

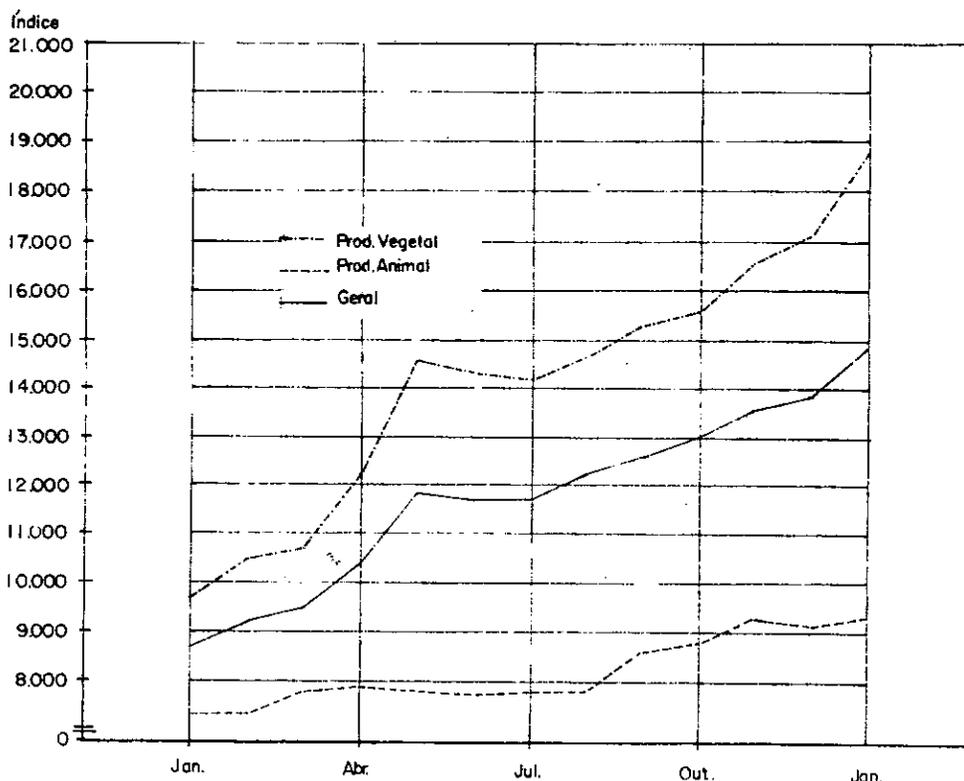


FIGURA 1.- Evolução dos Preços Recebidos pelos Agricultores no Estado de São Paulo, Janeiro de 1976 a Janeiro de 1977.
Base: 1961/62=100.

O comportamento do Índice de preços pagos pela agricultura é ilustrado na figura 2, pela qual se observa que ele cresceu de 2,97% em relação à dezembro último, face as evoluções positivas de 1,63% no agregado de insumos adquiridos no próprio setor agrícola e de 3,61% no grupo de insumos adquiridos fora do setor. Se semelhante evolução se observou em janeiro de 1976, quando o índice de preços pagos por insumos fora do setor aumentou 3,27% e aqueles adquiridos no próprio setor 1,22%, resultando um avanço de 2,56% no índice geral de preços pagos.

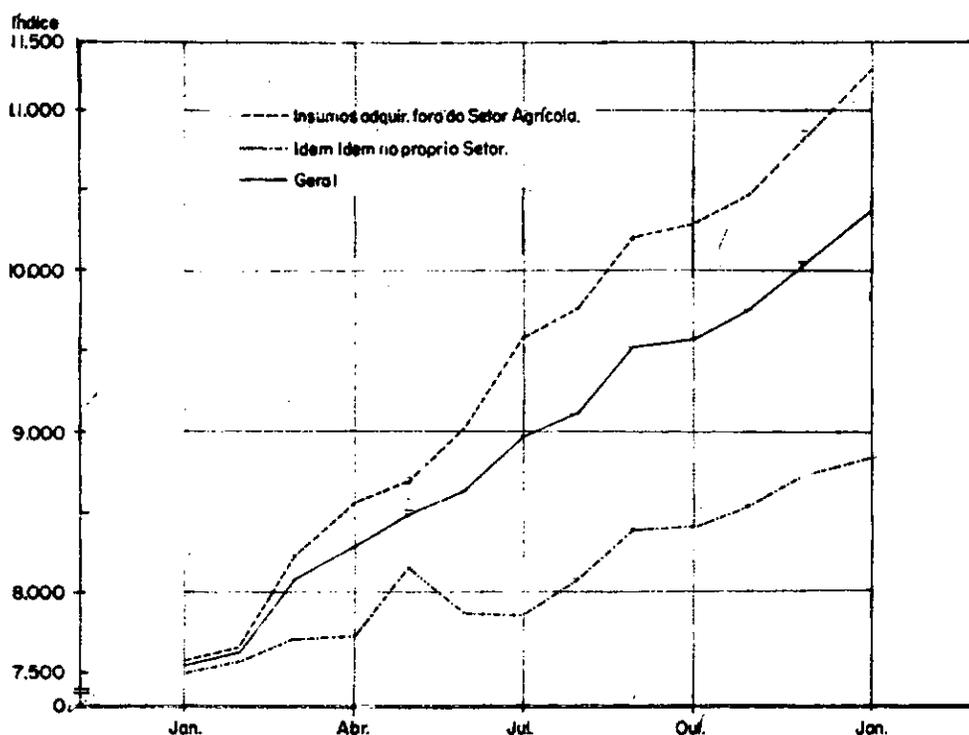


FIGURA 2.- Evolução dos Preços Pagos pela Agricultura Paulista, Janeiro de 1976 a Janeiro de 1977.
Base: 1961/62.

A comparação janeiro 1977/janeiro 1976, registra acréscimos de 47,13% no Índice de preços de insumos adquiridos fora do setor agrícola, de 16,95% no de insumos adquiridos no próprio setor e de 35,90% no Índice geral de preços pagos pela agricultura paulista.

Levando-se em conta os acréscimos de 7,34% no Índice geral de preços recebidos pelos agricultores e de 2,97% no Índice geral de preços pagos, tem-se uma evolução de 4,23% no Índice de paridade, que atinge assim o nível de 143,75 (figura 3). A relação de preços recebidos/preços pagos por insumos adquiridos fora do setor agrícola também apresentou acréscimo de 3,67%, alcançando este índice o valor de 132,32 neste mês de janeiro.

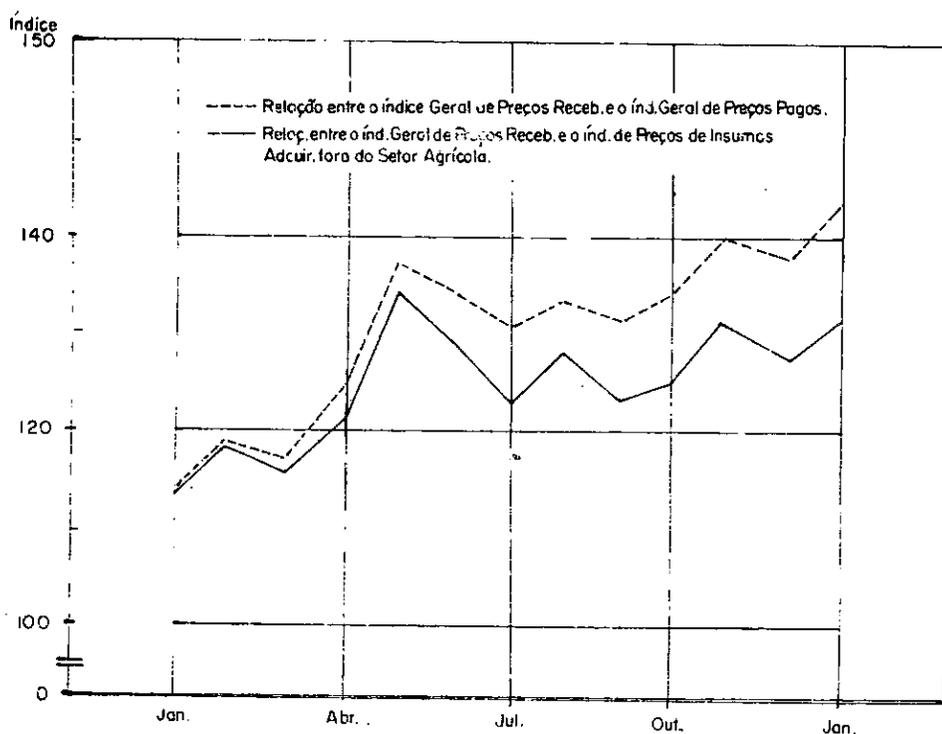


FIGURA 3.- Evolução do Índice de Paridade no Estado de São Paulo, Janeiro de 1976 a Janeiro de 1977.
Base: 1961/62=100.

- Crédito rural

Embora seja outubro o mês em que, normalmente, é aplicado o maior volume de crédito rural, estimativas do IEA para o mês de novembro de 1976 revelam um aumento de 19% em relação ao mês anterior.

Do volume total de crédito contratado no Estado de São Paulo em novembro, quase 70% destinaram-se ao custeio agrícola e pecuário, cabendo 66% e 4%, respectivamente, para cada tipo de atividade. Os empréstimos para investimento consumiram 16% do total, sendo que 14% tiveram finalidade agrícola e os 2% restantes foram aplicados em empreendimentos pecuários. A comercialização recebeu 15% dos recursos, 11% dos quais couberam aos produtos vegetais e 4% aos de origem animal.

No quadro à página 19, que retrata a distribuição percentual dos recursos pelas 10 regiões agrícolas do Estado, observa-se que 80% do total foi absorvido por apenas 5 regiões, a mais favorecida das quais foi a de Ribeirão Preto, que contou com 32%, vindo em ordem decrescente Campinas, com 15%, Marília, com 13%, Bauru, com 11% e São José do Rio Preto com 10%.

Do total de recursos, 90% foram destinados às lavouras e 10% à pecuária (ver quadro à pag. 19).

Observando-se a distribuição do crédito de investimento na agricultura, verifica-se que ele decresceu em relação ao mês anterior, caindo de um índice de 134 para 129, com base na distribuição de janeiro de 1976. No que diz respeito aos empréstimos para investimento destinados à agricultura, apenas duas regiões, Bauru e Presidente Prudente, apresentaram índices inferiores aos de janeiro. Os índices mais altos relativamente a janeiro foram, como se pode observar no quadro 7, os do Vale do Paraíba, de Campinas e de São José do Rio Preto.

Apesar do valor total dos contratos de investimento pecuário no Estado continuar baixo em relação a janeiro, mostra-se ele superior ao realizado no mês anterior, passando de um índice 18 para 37. Os índices de investimento em pecuária observados no mês de novembro só superam os relativos a janeiro em duas regiões: Vale do Paraíba e São Paulo. Em termos de investimento em pecuária, a ordem decrescente das regiões é encabeçada por São Paulo, responsável por 19% do total, vindo em seguida Presidente Prudente, Vale do Paraíba, Marília, Ribeirão Preto, Sorocaba e finalmente, empatados, Araçatuba, Bauru e São José do Rio Preto (quadro 8).

Por outro lado, deve-se notar que o ano começa com substanciais mudanças na sistemática do crédito rural, uma vez que o Conselho Monetário Nacional resolveu alterar diversos dispositivos que regulam estas operações. Destas, a mais

QUADRO 7. - Evolução do Índice de Valor dos Financiamentos para Investimento Agrícola, Estado de São Paulo, 1976⁽¹⁾

DIRA	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.
Araçatuba	100	136	139	168	300	249	258	233	263	305	179
Bauru	100	42	51	38	83	47	35	22	44	66	52
Campinas	100	146	134	140	214	175	195	211	202	175	226
Marília	100	95	147	117	130	144	90	94	145	150	158
Presidente Prudente	100	52	50	35	29	48	35	25	34	58	64
Ribeirão Preto	100	47	89	75	96	78	109	106	121	130	120
São José do Rio Preto	100	117	74	133	126	132	182	70	117	143	187
São Paulo	100	111	346	253	209	159	172	309	301	172	119
Sorocaba	100	118	169	166	162	292	324	229	228	237	151
Vale do Paraíba	100	39	201	324	391	499	557	241	49	201	388
Total	100	78	103	96	116	117	122	106	125	134	129

(¹) Índices simples, janeiro = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 8. - Evolução do Índice do Valor dos Financiamentos para Investimento Pecuário, Estado de São Paulo, 1976⁽¹⁾

DIRA	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.
Araçatuba	100	126	114	47	79	30	35	21	43	24	15
Bauru	100	28	31	18	144	37	52	10	17	4	10
Campinas	100	108	57	169	97	123	71	33	33	16	24
Marília	100	101	128	97	136	71	70	105	20	11	68
Presidente Prudente	100	108	95	118	86	166	81	39	70	24	69
Ribeirão Preto	100	73	66	84	93	74	72	77	88	15	21
São José do Rio Preto	100	59	69	82	58	57	79	24	105	20	8
São Paulo	100	159	107	73	103	96	103	405	156	38	125
Sorocaba	100	38	30	58	24	21	19	28	9	3	16
Vale do Paraíba	100	85	123	199	129	207	179	17	28	108	176
Total	100	79	72	86	82	75	66	62	56	18	37

(1) Índices simples, janeiro = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

importante é a que torna obrigatória a participação de recursos próprios nos projetos de investimento, em percentual variável de acordo com o valor do orçamento, conforme consta do quadro 9.

QUADRO 9. - Participação dos Recursos de Crédito na Cobertura dos Custos de Projetos de Investimento

Valor do orçamento	Percentual do financiamento
atê 200 MVR ⁽¹⁾	100%
de mais de 200 MVR até 5.000 MVR	90%
de mais de 5.000 MVR	75%

⁽¹⁾ MVR = Maior valor de referência, atualmente fixado em Cr\$ 638,30.

Fonte: Banco Central do Brasil.

Como decorrência desta medida é lícito esperar-se não só algum refreamento na demanda por estes recursos, como também a sua mais criteriosa utilização, desde que as operações da espécie sejam convenientemente acompanhadas pelo Banco Central.

Paralelamente decidiu o CMN alterar as taxas de juros vigentes para as operações de crédito rural, sob a justificativa da sua melhor adequação aos índices da desvalorização da moeda e maior racionalização no uso desses recursos. Como consequência foram fixadas as taxas vistas no quadro 10, que variam de 13% a 22% a.a., conforme o volume e a finalidade dos recursos demandados. Em que pese os objetivos citados, os resultados a serem alcançados especificamente por esta medida são bastante duvidosos. De fato, ante uma perspectiva de queda no ritmo inflacionário e um refreamento na atividade econômica, com a conseqüente baixa nas taxas livres de juros, parece pouco justificável, ou pelo menos extemporânea, a medida tomada. Por outro lado, as taxas crescentes de juros para os tomadores de recursos para investimento, que visam desestimular os empréstimos mais volumosos, na realidade podem servir de elemento de estímulo, na medida em que os empréstimos maiores passam a ser ainda mais rentáveis que os menores para as entidades financeiras. Deve-se ainda levar em conta que mais importante que o custo do dinheiro emprestado, as ta-

QUADRO 10.- Taxas de Juros das Operações de Crédito Rural, em % ao ano.

Finalidade	Valor do financiamento				
	Qualquer valor	Até 50 MVR	De + 50 a 1.000 MVR	De + 1.000 a 5.000 MVR	De mais de 5.000 MVR
Custeio	-	13	15	15	15
Investimento	-	13	15	18	21
Desconto de notas promissórias rurais, duplicatas rurais, cédulas de crédito industrial e notas de crédito industrial	22	-	-	-	-
Operações da política de preços mínimos (EGF)	18	-	-	-	-
Operações de pré-comercialização	15	-	-	-	-

Fonte: Banco Central do Brasil.

xas de juros vigentes no Brasil são uma aferição, para o agricultor, do risco representado pelo empréstimo, em uma atividade cujo risco é o elemento fundamental na decisão do empresário. A sua elevação portanto, eleva esse risco, alijando mais os pequenos agricultores do benefício deste serviço - uma vez que são os mais sensíveis a este tipo de raciocínio podendo se constituir, assim, em mais um elemento de má distribuição do uso do crédito rural. Aliás, toda a política de crédito rural - já que é baseada no repasse de recursos oficiais - deveria se pautar pelo uso de duas taxas de juros: a do mutuário e a do estabelecimento de crédito, ambas induzindo o mesmo efeito e não procurando se anular. Assim, se forem decrescentes as remunerações recebidas pelos bancos comerciais proporcionalmente ao valor dos empréstimos, provavelmente os objetivos visados seriam mais seguramente alcançados, uma vez que haveria então um refreamento na oferta dos recursos para aplicações maiores, coerente com a redução esperada na demanda.

Finalmente merece consideração as novas taxas de juros para as operações de comercialização. Após a instituição da nota promissória rural e do pleno funcionamento do SNCR, as operações de compra e venda dos produtos agrícolas passaram a ser feitas, em sua grande maioria, contra a promessa de pagamento a prazo. Dada a natureza do mercado, poucas opções restam ao produtor a não ser se sujeitar à regra usual. Por outro lado, devido a necessidade dos agricultores realizarem-se monetariamente, inclusive para saudarem compromissos assumidos no início do processo produtivo, há poucas alternativas no processo. Diante disso, não é de se esperar qualquer diminuição na evolução das operações de monetização de títulos de venda a prazo, face a elevação dos seus encargos para 22% ao ano, os mais elevados dentro do crédito rural. Pelo contrário, a medida aqui tomada padece do mesmo mal apontado para o caso dos investimentos, uma vez que esta modalidade de operações se torna a mais rentável para as instituições de crédito, que por elas já tinham particular predileção, não só pela sua maior segurança, como também por propiciarem um mais rápido giro do capital. A mais nítida consequência da medida é, sem dúvida, a elevação do preço final do produto, uma vez que este terá que incorporar o acréscimo de custo.

Na mesma reunião o CMN aprovou o Orçamento Monetário para 1977, que prevê uma expansão dos meios de pagamento de 25%, contra os 36,4% observados em 1976. Fixa ele também em 34,5% o aumento dos empréstimos dos bancos comerciais e do Banco do Brasil ao setor privado, sendo de 40,4% a expansão prevista para a agricultura e 31,5% para as demais atividades. Foi ainda por ele fixado em 8,4 bilhões de cruzeiros a dotação do PROALCOOL para esse exercício. Espera-se, assim, que não haja grandes dificuldades para a tomada de novos empréstimos pelos agricul

tores brasileiros neste ano, não sã por jã estar praticamente superada a fase de ajustamentos ocorrida em 1976, como também pela maior flexibilidade com que contam as Autoridades Monetãrias neste exercício, face a criação de uma reserva de contingência de 20 bilhões de cruzeiros, bem como por não terem sido incluídas no Orçamen to Monetário as receitas provenientes do recolhimento restituível sobre a gasolina e óleo combustível, que fatalmente terão que voltar a circulação, a fim de assegurar a necessária liquidez ao sistema.

Os redescontos e refinanciamentos concedidos pelo Departamento Regional do Banco Central do Brasil em São Paulo, em programas de crédito rural, apresentaram incremento de 12,0% em janeiro de 1977 em relação ao mês anterior, atingindo o total de 5.458,3 milhões de cruzeiros (quadro 11). Desse total, 58%, ou seja, 3.166,4 milhões de cruzeiros, referem-se à aplicação nos PESAC's, os quais tiveram seus saldos ampliados de 2,5% nesse período.

QUADRO 11.- Evolução do Saldo dos Refinanciamentos e Redescontos Concedidos pelo Departamento Regional do Banco Central do Brasil em São Paulo, 1976-77
(Cr\$ milhões)

Mês	1976				1977			
	Valor			Índice ⁽¹⁾	Valor			Índice ⁽¹⁾
	Programas de Crédito Rural	Comercia- lização agrícola	Total		Programas de Crédito Rural	Comercia- lização agrícola	Total	
Jan.	3.204,2	-	3.204,2	106	5.458,3	-	5.458,3	112
Fev.	3.351,6	-	3.351,6	111				
Mar.	3.604,5	226,9	3.831,4	127				
Abr.	3.988,4	726,9	4.715,3	157				
Mai.	3.972,7	1.243,5	5.216,2	173				
Jun.	4.243,4	1.238,4	5.481,8	182				
Jul.	4.350,2	1.259,2	5.609,4	186				
Ago.	4.452,5	1.321,0	5.773,5	192				
Set.	4.551,2	948,4	5.499,6	183				
Out.	4.632,8	18,6	4.651,4	155				
Nov.	4.634,0	-	4.634,0	154				
Dez.	4.873,6	-	4.873,6	162				

(¹) Índice simples, primeiro de janeiro = 100.

Fonte: Departamento Regional do Banco Central do Brasil em São Paulo.